

PORTVGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO II, FASCICULO 1

T, 6

Rocha Peixoto

SOBREVIVENCIA

DA

PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL

COM 3 ILLUSTRACOES NO TEXTO



BIBLIOTECA E MUSEU
MUNICIPAL
— DA —
Póvoa de Varzim

PORTO
IMPRESA PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112

1905

PORTUGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO II, FASCICULO 1

Rocha Peixoto

SOBREVIVENCIA

DA

PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL

COM 5 ILLUSTRACOES NO TEXTO



BIBLIOTECA E MUSEU
MUNICIPAL
— DA —
Póvoa de Varzim



PORTO
IMPRESA PORTUGUEZA
112, Rua Formosa, 112
—
1905

SOBREVIVENCIA
DA
PRIMITIVA RODA DE OLEIRO
EM
PORTUGAL



Como em Traz-os-Montes, denominam-se vulgarmente « paneiros » os ceramistas rusticos dos logares de Villa Secca e Corujeira, freguesia de Gondar, no concelho de Amarante, e ainda os de Lordello, freguesia de Ancêde, e os de Paredes, freguesia de Gôve, ambas no concelho de Baião. Em cada uma das localidades referidas constituem os oleiros verdadeiras corporações quasi exclusivamente votadas ao fabrico da loiça negra.

A materia prima que empregam os de Amarante procede d'um logar da freguesia de Bustello (Fornello) e compram-a a dose, quinze ou deoito tostões o carro, segundo a categoria assim diferenciada:

Barro azul		
Côr primitiva		Asulada
Côr depois de calcinado		Acastanhada
Vestigios de carbonatos.		
Residuo por levigação		22 0/0
Argilla		78 >
Barro amarello		
Côr primitiva		Amarello-clara
Côr depois de calcinado		Amarello-avermelhada
Não contem carbonatos.		
Residuo por levigação		40.8 0/0
Argilla		59.2 >
Barro cinzento		
Côr primitiva		Acinzentada
Côr depois de calcinado		Acinzentada
Não contem carbonatos.		
Residuo por levigação		64.8 0/0
Argilla		35.2 >
Barro muito impuro.		

A que utilisam os de Baião egualmente se distribue por tres classes ¹:

Amostra I		
Côr primitiva		Cinzento-clara (perola)
Côr depois de calcinada		De carne
Não contem carbonatos.		
Residuo por levigação		12.0 0/0
Argilla pura		88.0 >

¹ As seis analyses foram effectuadas obsequiosamente, a pedido do A., pelo insigne chimico e professor, sr. Charles Lepierre.

Amostra II

Côr primitiva	Branco-acinzentada (aspecto micaceo)
Côr depois de calcinada	Cinzenta, levemente avermelhada
Não contem carbonatos.	
Residuo por levigação	22 % (areias micaceas)
Argilla	78 >

Amostra III

Côr primitiva	Amarellada
Côr depois de calcinada	De carne
Não contem carbonatos.	
Residuo por levigação	43.6 %
Argilla	56.4 >

Qualquer d'ellas buscam-as de acaso nas *barreiras*, abrindo galerias bastante profundas e não raras vezes com a anciada imprevidencia que explica os desabamentos em

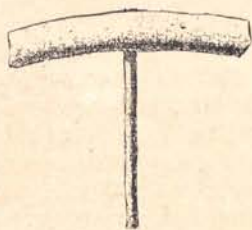


Fig. 1—Pico (Villa Secca)

que um ou outro fica momentaneamente soterrado. Para a extracção do barro reúnem-se todos, ou de Paredes, ou de Lordello, trabalham á vez, e ao fim do dia repartem-o igualmente. E' um serviço em comunidade, analogamente ao que succede com os oleiros de Telhado, no Fundão, os quaes, sendo trinta ou quarenta, cosem a sua loiça em cinco fornos pertencentes á classe ¹.



Fig. 2—Pia (Villa Secca)

Juntas duas d'estas substancias

n'uma proporção de palpite, ou, pelos de Amarante, doseados o amarello e azul ou o amarello e o cinzento ainda por instincto e pratica, procede-se á trituração com um *pico* (fig. 1) ou maço de carvalho, n'uma *pia* (fig. 2), especie de grande conca obtida n'uma raiz de velha arvore, e seguidamente se passam por um crivo de pelle de chibo (Baião) ou de carneiro (Amarante). E' então que n'uma masseira de pinho e com agua se prepara o barro plastico destinado a ir breve para a *roda*.

Este aparelho, ordinariamente de carvalho, raro de nogueira (Baião), compõe-se d'um estrado rectangular, o *trabul* ou *trabulo*, do centro do qual se ergue um eixo, o *quisso*, para o alto. Em torno d'este mover-se-ha o *tampo* ou *tabuão*, grande disco com 0^m,80 de diametro e 0^m,06 ou 0^m,08 de espessura ². Não ha attrito directo entre a roda e o *trabul*: inferiormente a ella crusam-se duas espessas regoas, as *pombas*, que effectuam esse contacto inevitavel e que se afastam do disco pelas *cravelhas*, ou sejam curtas espiguetas de madeira (fig. 3). Em face á roda o oleiro, com a mão direita, imprime-lhe frequentemente o movimento necessario e logo com as duas modela a pasta e guia a curva (fig. 4).

Depara-se-nos, pois, uma sobrevivencia da roda primitiva, já figurada nas necropoles de Thebas e de Memphis ³, ulteriormente adoptada na Asia Menor e na Grecia e bem plausivelmente a descripta na *Illiada* ⁴. Foi ainda este singello prato de madeira

¹ CHARLES LEPIERRE, *Estudo chimico e tecnologico sobre a ceramica portugueza moderna*, pag. 48. Imp. Nac. Lisboa, 1899.

² Outra medição obtida n'uma *roda* de Gondar: diametro do *tampo*, 0^m,59; altura da roda e *pombas*, 0^m,18; altura total do aparelho, 0^m,26. Um outro exemplar da mesma procedencia e de dimensões ligeiramente divergentes pôde ser observado no Museu municipal do Porto, para onde o A. o fez transportar.

³ EDOUARD GARNIER, *Histoire de la céramique*, fig. 4 de pag. 8 e pag. 41. Mame & Fils eds. Tours, 1882. — PERROT et CHAPIEZ, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, t. I, *L'Égypte*, pag. 819. Hachette ed. Paris, 1882. — H. SCHLIEMANN, *Ilios*, pag. 264. F. Didot ed. Paris, 1885.

⁴ GARNIER, ob. cit., pag. 8.

que porventura precedeu o torno ¹ em toda a Europa e em cujo aspecto mais simples — a escudella girante sem eixo — se vê o estádio transitorio da manipulação da loiça sem disco para o fabrico com roda ².

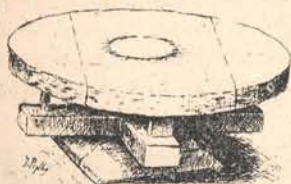


Fig. 3 — Roda (Villa Secca)

Accessoriamente os oleiros das duas regiões dispõem ainda d'um *augueiro*, pote já inutilizado, com a agua de que carecem frequentemente no trabalho; para apertar o fundo das vasilhas ou desengrossa-las empregam um pau aguçado, o *esquinote* (Baião) ou *esquinante* (Villa Secca); e por fim o *fanadoiro* é a espatula grosseira com que alisam as superficies ou gravam os ornamentos.

Manufacturada a loiça, vae a seccar á sombra, durante oito dias, em prateleiras ou *sequeiros*. E seguidamente toda reunida (Baião) n'uma depressão de terreno e invertida, amontôa-se com a lenha e ahí coserá em uma hora ou pouco mais. Volvido este curto espaço de tempo, amortece-se a fogueira com terriço e abandona-se uma noite a loiçaria no rescaldo.

Nos logares de Gondar a cova tem, proxivamente, tres metros de diametro e chama-se a *soenga*. E' em volta que se dispõem as vasilhas, primeiro com as boccas para fóra (fig. 5), depois, e já bem seccas, para o interior da depressão. A principio a lenha arde ao centro; depois, transportada para a periphèria, é que a loiça vae para o meio e já com as aberturas para baixo. Coberta então com as *rachas* (pinho) e ainda, para *tupir*, com *argaco* (caruma de pinheiro) e o resto do carvão de lenha já pulverisado das cocções anteriores, deixa-se o vasilhame uma hora a rescaldar.

A cocção ao ar livre e em covas, como de resto se pratica ainda em Lordello e Visalhães (Villa Real), em Chaves, nas proximidades de Bragança, em Lamego, em Coimbrões (Gaya), em Taboa (Coimbra), etc., é tambem uma operação primitiva assignalada desde os tempos neolithicos, passando aos gaulezes e outros e subsistindo até nós. Fogo insufficiente e mal distribuído explica, com a má natureza das pastas, a porosidade d'estas loiças e bem assim a fragilidade consequente. Por isso o fabrico é ultimado pelo consummidor. Adquirida a loiça, cuida-se logo em limpa-la exterior e internamente das escabrosidades e adherências de alguns productos da combustão. E' o que praticam em Góve e em Ancêde empregando para tal uma folha de coive; ulteriormente enchem a vasilha com farinha de milho e agua, collocam-a ao fogo e, uma hora passada, consideram obtida a vedação. Está a loiça *enfarellada*.

Em Sanhoane, Fontes, Medrões, etc., (Santa Martha de Penaguião), para se alcançarem os mesmos resultados com a loiça negra de Visalhães, «para lhe tapar as *fontellas*», introduzem-se as vasilhas no forno do pão, deixando-as aquecer até ao rubro; tiradas para fóra verte-se immediatamente em cada uma farello e agua, mechendo rapido.

Cera virgem derretida e applicada á broxa na superficie externa das panelas de Lordello (Villa Real) destinadas á agua fria ³ é outro expediente popular de correcção.

A esta manufactura humilde corresponde uma limitação formal que, a bem dizer,



Fig. 4 — Oleiro de Lordello (Ancêde)

¹ A. BRONGNIART, *Traité des arts céramiques ou des poteries*, I, pags. 20 e 503. Asselin ed. Paris, 1877.

² LAJARD et F. REGNAULT, *Poterie crue et origine du tour*, in *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, pags. 737-8, fasc. 6, tom. VI, serie IV. Masson ed. Paris, 1895.

³ LÉPIERRE, ob. cit., pag. 28.

se restringe mesmo a um só typo. Ovalada, mais ou menos alta e ampla, desasada ou com uma ou duas ansas, toda esta loiça se reduz, como ondulação, a uma forma de Prado ¹ e d'outras olarias. Algumas peças differem pela diminuição do bojo, ausencia de golla e amplitude da bocca, o que lhes dá a apparencia, tambem commum, de troncos de cone invertidos. Panelas barreleiras e para caldo, pucaros com uma ou duas asas, infusas, pingadeiras, assadores, fogões, caçoilas e caçoilos, alguidares e mealheiros constituem a serie ², em regra ornamentada com linhas onduladas ao alto das panças,



Fig. 5 — Na soenga (Villa Secca)

incisas, simples ou multiplicadas parallelamente por via do fanadoiro que as imprime na pasta fresca, e lembrando modelos bem archaicos ³. N'uma tira de barro annexa á maior dilataçãõ, ou ainda no rebordo, effectuam-se tambem as depressões digitaes (*verdugos* em Gondar) já conhecidas dos tempos de Robenhausen ⁴.

Trabalhando por conta propria, muitas vezes pae e filhos effectuam directamente a venda pelas aldeias e nas feiras — os de Baião, no concelho e ainda nos de Amarante, do Marco e de Lamego, os de Amarante por aqui, na Senhora da Aparecida, na Lixa e em Margaride. Raramente um ou outro, que se distancia para longe, vende loiça que mandou faser por encommenda.

¹ ROCHA PEIXOTO, *As olarias de Prado*, figs. 25, 30 e 33, pags. 244-5, in *Portugalia*, I, fasc. 2, Porto, 1900.

² Algumas formas de Baião são figuradas em JOSÉ AUGUSTO VIEIRA, *O Minho pittoresco*, pag. 464, tom. II. Pereira ed. Lisboa, 1887.

³ SCHLIEMANN, ob. cit., fig. 1470 de pag. 758.

⁴ MORTILLET, *Le préhistorique*, pag. 560. Reinwald ed. Paris, 1885. — *Musée préhistorique*, fig. 535, Reinwald ed. Paris, 1881.

A escassez dos lucros é, como em todas as olarias ruraes, o premio d'esta amargurada occupação com o gravame, para annotar, d'uma machina lenta e penosissima—que só é usada ainda por povos bisonhos como na Bretanha (*tournette*) ou barbaros como na Africa e no Oriente ¹. Alguma lavoura subsidiaria porventura attenua, em poucos casos, a exiguidade dos recursos. E ainda assim o paneleiro de Paredes é pedreiro no inverno, como o telheiro de Prado se volve em taxinha de outubro ao entrudo.

As suas *panelas*—designação que abrange toda a ceramica que fabricam—muito porosas, como vimos, e ennegrecidas pelo fumo e pelas substancias organicas que o fogo carbonizou, teem a reputação do bom gosto dado á agua e á comida. E mais que quaesquer outras olarias conhecidas entre nós, estas podiam legitimar as palavras da Escripura que na loiça symbolisa a fraquesa e a fragilidade humanas—mesmo independentemente da memoria das rixas d'outros tempos em que, celebres desordeiros, os ceramistas de Gôve chegavam ás feiras com todo o vasilhame já quebrado!

Porto. Maio, 1903.

ROCHA PEIXOTO.





